

**Juventude rural, agricultura familiar e turismo:
um estudo etnográfico**

DOI: 10.2436/20.8070.01.207

Vivianne Matos de Andrade Mororó

Mestre em Turismo pela Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: deandrade.vivianne@gmail.com

Helena Catão Henriques Ferreira

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

Professora da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: lelecatiao@gmail.com

Ari da Silva Fonseca Filho

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, Brasil.

Professor da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: arifonseca@id.uff.br

Resumo

Diante do recente desenvolvimento do turismo em Três Picos, localidade rural do município de Nova Friburgo (RJ), destaca-se o protagonismo dos jovens, dentre os moradores locais que se apropriam da atividade, buscando nela uma forma de trabalho alternativa ou complementar à agricultura. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar as práticas e representações sociais dos jovens rurais frente ao turismo, para compreender os significados que atribuem à atividade, assim como suas implicações na dinâmica da vida local. Para tanto, baseamo-nos em uma abordagem etnográfica, utilizando instrumentos de observação direta e entrevistas em profundidade, bem como participação em festas e reuniões na localidade. Os resultados da pesquisa demonstram que o turismo se coloca como mais uma das estratégias de diversificação de renda mobilizadas pelos jovens, para manter o rural como lugar de vida e de trabalho. No entanto, uma estratégia entre diversas outras, empregos domésticos ou no comércio local. Identificamos também que o turismo influi na percepção que os jovens têm de si, em termos de uma valorização da 'ruralidade', assim como interfere nas relações de gênero e geração das famílias agricultoras no contexto em análise. Por outro lado, trata-se de uma atividade ainda realizada por poucos, o que aponta o seu caráter de novidade, como um campo de possibilidades em construção para os jovens e demais agricultores.

Tal fato reflete ainda o aspecto complementar do turismo de base local, que não subsume os sistemas socioeconômicos locais, mas os apoia em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Juventude Rural. Agricultura Familiar. Turismo de base local. Três Picos.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, diversos estudos sobre o ‘jovem rural’, filho de pequenos produtores, abordam a sua tendência de migração para a cidade e a sua ‘falta de interesse’ pelo campo e pelo trabalho na agricultura familiar. Esses ‘problemas’ têm sido associados às dificuldades enfrentadas no meio rural, principalmente em relação ao acesso à educação e às oportunidades de trabalho, além de uma suposta atração exercida pelo estilo de vida urbano (BRUMER, 2007; CASTRO, 2009).

Castro (2007) argumenta, porém, que a constante associação da juventude rural a essas questões contribui para a sua invisibilidade como categoria formadora de identidades sociais e, portanto, de novas demandas frente à sociedade.

De fato, as configurações do mundo rural contemporâneo fazem com que as relações e fronteiras estejam cada vez mais próximas e flexíveis à realidade urbana, o que possibilita maiores trocas e influências entre populações do campo e da cidade. Mas, essa interação não implica apenas a atração de populações rurais pela vida em grandes metrópoles. Elas também têm possibilitado o processo oposto – a revalorização dos modos de vida rurais por moradores citadinos, o que vem provocando mudanças nos projetos de vida dos jovens de origem rural, assim como a forma como percebem a si mesmos e ao lugar em que vivem (CARNEIRO, 2007).

Sendo os processos de migração dos jovens rurais um fenômeno amplamente estudado nas pesquisas sobre o desenvolvimento rural (CHAUVEAU, 2017), ele não está em primeiro plano nas análises aqui desenvolvidas. Neste trabalho, consideramos importante compreender a realidade daqueles que permanecem no campo, bem como os elementos que fundamentam essa decisão. Isto é, focamos em saber daqueles que ficam a motivação dessa permanência, já que, segundo nossas hipóteses, a possibilidade de trabalho com o turismo surge como importante estratégia nessa direção.

Esta hipótese de pesquisa foi levantada a partir de um estudo anterior, realizado entre os anos de 2014 e 2015, no qual abordamos sobre ‘as potencialidades e limitações do turismo de base comunitária como indutor de desenvolvimento local’, tendo como contexto para nossas análises o vilarejo de Três Picos.

A localidade de Três Picos caracteriza-se faz parte do distrito de Campo de Coelho, localizado no município de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro (RJ). Sua população encontra na agricultura familiar sua principal atividade econômica, precisando, porém, recorrer à pluriatividade¹ para garantir sua reprodução social. Uma das dificuldades enfrentadas pelos produtores rurais locais se relaciona à queda no preço de seus produtos no mercado, situação agravada pela dependência de atravessadores para escoar a produção. Para complementar a renda familiar, alguns moradores dividem o tempo do trabalho na lavoura com a prestação de serviços na construção civil, no

¹ A noção de pluriatividade se refere à inserção plural de famílias agricultoras em atividades econômicas e no mercado de trabalho (CARNEIRO, 2012).

comércio, como funcionário em residências de moradores neorrurais, e mais recentemente, com atividades relacionadas ao turismo.

A partir dessa primeira pesquisa identificamos a posição de destaque das gerações mais jovens entre as famílias agricultoras que, de diferentes formas, participam da organização do turismo em Três Picos. Além disso, apesar dos vários relatos coletados sobre as dificuldades inerentes ao trabalho com a agricultura, chamou-nos atenção o fato de o êxodo dos mais jovens não ser uma questão central entre as famílias agricultoras locais – em contraposição a várias outras localidades rurais brasileiras.

Este cenário nos inspirou a conduzir uma nova fase de pesquisas, entre 2016 e 2018, cujos resultados são parcialmente apresentados neste texto. Voltamos-nos, portanto, para os estudos ligados à juventude rural, com o intuito de compreender em que medida a pluriatividade a partir do turismo pode ser entendida como um dos fatores imbricados na permanência dos jovens no meio rural. De modo a pensar sobre essa problemática, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as práticas e representações dos jovens frente ao turismo em Três Picos.

Para tanto, apoiamos-nos em uma abordagem qualitativa com base na etnografia, metodologia considerada adequada a estudos que investigam realidades ‘não quantificáveis’ e que avaliam o universo dos significados, expectativas, atitudes, crenças e visões de mundo (MINAYO, 2009).

Conforme Mattos (2011), a pesquisa etnográfica compreende, por meio da observação direta e por certo período de tempo, o estudo das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas, articulado por uma unidade social representativa, no caso em estudo, os jovens da localidade de Três Picos. Sendo assim, mostrou-se importante estabelecermos uma aproximação, tanto quanto o possível, dos processos sociais vividos pelos jovens de Três Picos.

Percebemos então, que para estes jovens, o turismo se coloca como uma alternativa de inserção profissional na dinâmica local, mais do que como estratégia orientada para permanência no meio rural. Embora contribua para essa permanência, o trabalho com a atividade se coloca como uma das possibilidades, diante de uma diversidade de arranjos locais mais importantes nesse sentido.

Outro ponto observado é que nessa inserção no turismo, estes jovens mobilizam um imaginário sobre seus modos de vida e adotam uma identidade de maneira particularmente ligada à agricultura familiar, o que contribui para a ressignificação do valor simbólico por eles atribuídos à atividade.

Por outro lado, identificamos que o trabalho com o turismo se restringe a um pequeno número famílias locais, o que traduz o seu caráter de novidade, representando um campo de possibilidades ainda não muito explorado no vilarejo. Deste modo, relativizamos os discursos que tratam o turismo de base local como fator imediato de desenvolvimento socioeconômico para grupos afetados por processos de desigualdades e exclusão social², como é o caso dos agricultores familiares em Três Picos.

Pelos resultados da pesquisa aqui empreendida, observamos o caráter mais ou menos complementar desse tipo de turismo, incorporado como uma das estratégias de diversificação econômica realizadas pelas famílias locais, mas que também tem

² Embora a ideia de ‘exclusão social’ carregue diversas significações, ao utilizá-la neste texto, referimo-nos à forma pela qual o capitalismo incorpora, de modo negativo, as classes e grupos subalternos à sua lógica de reprodução. Isto é, por meio de uma inclusão precária, instável e marginal das pessoas nos processos econômicos, de acordo com o que é racionalmente necessário à reprodução do capital e ao funcionamento da ordem política - em favor dos que a dominam (WANDERLEY, 2017).

importância pelos significados simbólicos que lhe são atribuídos – questões melhor aprofundadas ao longo do texto.

2 O CAMPO DE ESTUDO: A LOCALIDADE RURAL DE TRÊS PICOS

O distrito de Campo do Coelho é o segundo maior do município, abrangendo 25% de sua área total. Sua população, de cerca de 10 mil habitantes, representa, porém, apenas 5,5% da população friburguense, uma vez que a sua densidade demográfica de 42,8 hab/km² é relativamente baixa em comparação à densidade média de Nova Friburgo, que equivale a 195 hab/km² (IBGE, 2010).

Por outro lado, é o distrito que concentra a maior parte da população rural de Friburgo, uma vez que 32% do total de habitantes distribuídos dentre os núcleos rurais do município estão em Campo do Coelho, que detêm 72% de seus residentes em áreas consideradas rurais (IBGE, 2010).

A história de sua ocupação está imbricada a de Nova Friburgo, remetendo ao primeiro projeto oficial de colonização de imigrantes europeus no Brasil, realizado no início do século XIX, para atender ao interesse brasileiro em populações que pudessem contribuir para a produção agrícola e de manufaturados, diante da necessidade de melhorar o abastecimento de alimentos na cidade do Rio de Janeiro (TEIXEIRA, 2009). Entre meados e o fim do século XIX, essa forma de agricultura assumiu importante papel no abastecimento de alimentos, principalmente hortifrutigranjeiros, para as fazendas onde se praticava a monocultura de café no Rio de Janeiro. Contudo, a atividade não chegou a garantir uma reprodução estável às famílias agricultoras de Friburgo, situação ainda presente no contexto atual. Afinal, a agricultura familiar local expressa ainda hoje as dificuldades estruturais por que passaram as gerações anteriores (TEIXEIRA, 2009).

Entretanto, o distrito ainda hoje tem na agricultura sua principal atividade econômica, com destaque para a olericultura, a fruticultura e a criação de cabras (PMNF, 2014). Embora o vilarejo de Três Picos também seja conhecido por atividades de ‘montanhismo e alpinismo’, em referência ao conjunto de montanhas que o cerca, a principal fonte de renda das 47 famílias que vivem na localidade também é a agricultura familiar.

De acordo com Marafon e Ribeiro (2006), apesar dessa noção incorporar uma diversidade de situações específicas, em síntese, a agricultura familiar seria caracterizada por estabelecimentos nos quais os meios de produção pertencem à família, e onde o trabalho é exercido por esses mesmos proprietários em uma área relativamente pequena ou média. Em Três Picos este é o cenário.

As propriedades possuem uma área média de um a dois hectares, e o trabalho é realizado por meio da mão de obra familiar. As produções locais, portanto, são de pequena escala, possuem baixa tecnificação e seguem o modelo “convencional”, como denominam localmente a produção que se utiliza de adubos químicos e agrotóxicos. Dentre os principais produtos cultivados para a comercialização estão: couve, brócolis, salsa e tomate. Além disso, outras lavouras são plantadas para autoconsumo, como batata, milho, inhame e feijão.

Juntas, as diversas “localidades rurais” do Campo do Coelho inserem Nova Friburgo no ‘triângulo das verduras’ - uma área que abrange os municípios de

Teresópolis e o de Sumidouro, nos arredores da RJ-130³, e que é assim conhecida devido a sua ‘alta produção’ e importância para o mercado (MIBIELLI, 2016).

Como muitas famílias não dispõem de força de trabalho e recursos financeiros suficientes para lidar, concomitantemente, com a produção e com o transporte para a comercialização, recorrem à venda dos produtos por um preço inferior ao de mercado para ‘atravessadores’, que o comercializam.

Esse cenário está ligado à combinação de diferentes fatores, característicos da agricultura na serra fluminense, dentre eles: a topografia acidentada, que historicamente não favoreceu a instalação de grandes propriedades, a diminuição do peso da agricultura como fonte de renda para muitas famílias, devido a sucessivas variações do retorno financeiro gerado pela atividade (CARNEIRO; ROCHA, 2009). E também à ‘pluriatividade’, exercida por vários membros da unidade produtiva, visando o complemento de renda pela venda da força de trabalho fora da agricultura, principalmente no setor de serviços (MARAFON; RIBEIRO, 2006) que é o mais forte em Nova Friburgo, correspondendo a 50% do PIB municipal (IBGE, 2015).

Conforme explicam Marafon e Ribeiro (2006), a ‘pluriatividade’ não é um processo conjuntural, mas o resultado de uma ampla transformação da agricultura familiar no Brasil, em resposta às dinâmicas de desenvolvimento econômico adotadas pelo país, e à reestruturação do modo de produção capitalista.

Em Três Picos, um discurso recorrente entre os produtores é o de que estaria “cada vez mais complicado viver apenas da agricultura”, uma vez que os ganhos “são muito incertos”. Segundo eles, tudo depende do tipo de lavoura que se investe, do clima, da qualidade dos produtos colhidos, das variações do mercado e se o valor será efetivamente pago pelo atravessador⁴.

Assim sendo, todas as famílias a que tivemos acesso exercem algum tipo de atividade pluriativa, dentro ou fora de suas propriedades. Entre os homens, as atividades mais comuns são ligadas à construção civil (como pedreiro) e serviços de caseiro, principalmente, para os moradores neorrurais⁵, que desde o final da década de 1990 são muito presentes na região. Algumas mulheres trabalham como “diaristas” tanto para pessoas da cidade de Nova Friburgo, como para pessoas “de fora”⁶. Elas também “dão uma ajuda” nos empreendimentos locais voltados para o turismo, “às vezes na cozinha, outras na limpeza”, para complementar a renda. As gerações mais jovens, por outro lado, têm buscado trabalho principalmente no comércio, como vendedores em lojas de insumos agropecuários.

Um fenômeno relativamente novo dentre os agricultores tem sido a pluriatividade realizada a partir do turismo - atividade antes praticada apenas pelos moradores neorrurais, que foram os primeiros na organização de uma oferta turística no

³ A RJ-130 (Estrada Teresópolis/Friburgo) é uma rodovia com 68km de extensão, ligando os municípios de Teresópolis e Nova Friburgo. Ela representa um grande polo de serviços turísticos da região serrana do estado do RJ, já que em seu entorno se encontram hotéis, restaurantes e pousadas.

⁴ Os atravessadores geralmente pagam aos agricultores pelos produtos levados para a comercialização após um período que varia entre dois e três meses, com cheque. Além disso, nem sempre o preço combinado no momento da venda é seguido na hora do acerto o agricultor. Dessa forma, há um alto grau de incerteza que envolve essa relação - o que muitos agricultores tentam gerenciar/diminuir por redes de interconhecimento e pelo estabelecimento de amizades, procurando fechar negócio com as mesmas pessoas, aquelas que são ‘de confiança’.

⁵ A noção de ‘neorrurais’ se refere às pessoas de origem urbana que decidem morar no campo, motivados pela ‘qualidade de vida’ e pela ‘tranquilidade’ por eles identificada nas localidades rurais.

⁶ Forma pela qual os neorrurais (e também os turistas) são classificados pelos moradores mais antigos, que a eles se referem como ‘o pessoal de fora’; ‘o pessoal que veio do Rio’.

local. Embora a presença de visitantes na localidade seja antiga, já que, desde a década de 1920, os Três Picos são visitados por montanhistas (INEA, 2013), a relação dos agricultores com a atividade turística, em termos de trabalho, vem se desenvolvendo a partir da última década, sobretudo após a implantação do Parque Estadual dos Três Picos (PETP), no entorno do vilarejo.

Segundo Carneiro e Rocha (2009), nos últimos vinte anos, observa-se um aumento acentuado da exploração do turismo na região serrana do Rio, sobretudo em Nova Friburgo e Teresópolis, o que vem afetando o mercado de trabalho no meio rural, com a diversificação de oportunidades favorecendo a pluriatividade.

As autoras apontam que a dinâmica desses territórios vem sendo marcada pela emergência de várias unidades de conservação da natureza (UCs), que são associadas ao turismo, a partir da ideia de ‘uso público’. Juntos, esses elementos exercem uma pressão diferenciada nas áreas rurais, inibindo a atividade agrícola a favor da exploração do turismo ou favorecendo outras formas de produção, como a de tipo ‘orgânica’ ou ‘agroecológica’.

Dessa forma, o turismo se coloca como um fator dinamizador desses espaços, em termos socioeconômicos, embora também empreenda pressões antagônicas sobre a população local, principalmente sobre os agricultores. Se de um lado, ele amplia o mercado de trabalho não agrícola, oferecendo novas alternativas de renda às famílias locais; de outro, reforça a coerção à agricultura quando esta passa a ser vista como ‘agressiva ao meio ambiente’, principalmente a que recorre a técnicas tradicionais, como a de ‘pousio’⁷ (CARNEIRO; ROCHA, 2009). Em nossos primeiros contatos com as famílias agricultoras de Três Picos, muitas vezes, fomos vistos como “hóspedes” e “turistas”, o que de certo modo facilitou o acesso às pessoas locais. Quando indagados sobre suas práticas de manejo agrícola, alguns entrevistados diziam praticar uma “agricultura convencional consciente”, usando o mínimo de agrotóxicos e combinando com algumas técnicas de adubação orgânica.

Atribuímos essas falas ao fato de, naquele momento, estarmos no papel de ‘turistas’, de origem urbana, que frequentemente valorizam as práticas agroecológicas em detrimento das ‘convencionais’. Com o passar do tempo, porém, e o aprofundamento das relações com nossos interlocutores, as conversas foram mudando. Assim, também ouvimos do nosso principal informante que a agricultura orgânica não é propriamente uma realidade em Três Picos, e sim uma demanda que vem sendo colocada pelas pessoas “de fora”, como os moradores neorrurais, os professores da escola do vilarejo, também, os visitantes, que passaram a integrar a dinâmica da vida local.

⁷ O ‘pousio’ é uma prática tradicional entre agricultores familiares, baseada na derrubada e queimada da vegetação de um terreno para prepará-lo para plantio, após um período de descanso da terra. Quando cultivado por anos subsequentes, o solo perde sua fertilidade, e tal sistema permite que ele se renove a partir da vegetação nativa que cresce ao longo do tempo nas áreas em descanso, sem plantações. Devido à proibição do corte e das queimadas pelas UCs, muitos produtores passam a manter suas terras sempre em manejo, para que a mata não se regenere e para que não percam o espaço de produção, devido a legislação de proteção florestal. Com um solo desgastado por períodos ininterruptos de cultivo, para muitos, a solução para manter o ritmo de produção passou ser o uso de fertilizantes químicos.

3 O MORADORES NEORRURAIS E UMA NOVA DINÂMICA LOCAL: ENTRE OS ORGÂNICOS, O MONTANHISMO E O TURISMO

Os primeiros ‘neorrurais’ chegaram a Três Picos em meados de 1980. Nesse mesmo período, muitos montanhistas já transitavam pela região, uma vez que a prática da escalada em Nova Friburgo vem de longa data⁸. Alguns desses escaladores, envolvidos na conquista de novas vias de acesso às montanhas, também compraram terrenos de agricultores locais, já no início dos anos 1990, sobretudo no vizinho Vale do Jaborandi.

Esse grupo foi o primeiro a introduzir a questão dos ‘orgânicos’, da ‘agroecologia’ e da ‘preservação ambiental’ na localidade em estudo. Segundo relato de uma moradora neorrural e montanhista, “quando nos mudamos esse meu terreno era todo pasto, totalmente roçado; nós é que deixamos a mata crescer, para reflorestar [...]”. É também a partir desse grupo moradores que se inicia o desenvolvimento do turismo em Três Picos. Por estarem fortemente ligados ao montanhismo, assim que se estabeleceram na região, passaram a abrigar alguns amigos ligados ao esporte, o que logo se transformou em um negócio.

Assim, no decorrer dos anos 2000, surgiram alguns ‘abrigos’ na localidade, compondo os primeiros serviços turísticos ali oferecidos. Os abrigos de montanha, também chamados de “refúgios”, referem-se a um meio de hospedagem destinado ao pernoite de montanhistas. Suas instalações contam com quartos coletivos, área para *camping*, banheiros e cozinha compartilhada, semelhante a um albergue.

Atualmente, há seis refúgios entre os vales dos Três Picos e o do Jaborandi, todos gerenciados por moradores neorrurais. Inicialmente, por estarem voltados somente para o montanhismo, esses empreendimentos e seus hóspedes vinham estabelecendo pouquíssima relação com as famílias agricultoras da localidade, tal como relataram os moradores mais antigos.

Outro perfil de turistas e de moradores neorrurais, no entanto, têm chegado à região. Procuram fixar moradia na localidade, embora não abandonem totalmente os vínculos com o meio urbano, seja por relações de trabalho, com amigos ou familiares. Turistas e moradores “de fora” são caracterizados pela busca de “tranquilidade”, “qualidade de vida” e relações menos impessoais – ainda muito atraídos pela paisagem, pelo clima e pelas montanhas, mas que também se interessam pelos modos de vida locais e suas “tradições”.

Visando aproveitar esse novo público, algumas famílias de agricultores começaram a ensaiar alternativas de trabalho voltadas para o turismo. Uns passaram a produzir queijos, compotas, broas caseiras para a venda aos visitantes, como também uma parte de seus produtos agrícolas. Outros se organizaram para integrar a oferta local de serviços turísticos, oferecendo guiamento pelas trilhas do parque, hospedagem domiciliar, café da manhã e almoço em suas propriedades. Por outro lado, os neorrurais

⁸ O ‘Centro Excursionista Friburguense’ é o segundo clube de montanhismo mais antigo do Brasil, fundado em 1935. Em 1946 o ‘Pico Maior de Friburgo’, em Três Picos, já havia sido conquistado por dois importantes nomes do montanhismo: Sylvio Mendes e Índio Luz (INEA, 2013).

também se mobilizaram nessa direção, criando uma convergência de interesses que levou ao surgimento do “Circuito Três Picos”⁹, em 2010.

Nesse mesmo ano, surgiu a primeira “pousada” na localidade, voltada não mais para os montanhistas, mas aos interessados em “ecoturismo” e “turismo rural”. Nessa iniciativa, mais uma vez, o papel dos neorrurais se evidencia. A pousada surgiu de uma parceria entre uma pessoa “de fora” e um jovem de família de agricultores. De acordo com ele, hoje único dono da pousada, na época ele tinha o “espaço”, isto é, uma casa que pertencia a seus pais, e ela a “ideia” e o “conhecimento” no turismo. Criaram, então, um meio de hospedagem “simples”, porém “aconchegante”, baseado na “hospitalidade da roça” e nas “tradições locais”.

A partir dessa iniciativa, diversos elementos da vida local passaram a ser mobilizados e ressignificados por e para o turismo. Segundo alguns entrevistados, essa moradora teria estimulado o “resgate e o uso de algumas tradições”, visando “atrair mais visitantes fora do perfil montanhista”, bem como entreter os hóspedes que já chegavam até a pousada. Para citar um exemplo, há o caso da “broa de planta da Dodoca”, que além de ser vendida como uma espécie de *souvenir* ‘típico da localidade’ (assim como diversos outros alimentos localmente produzidos), é hoje um dos atrativos turísticos de Três Picos, uma vez que representa uma prática ‘tradicional’ da qual os turistas podem presenciar a colocação no forno à lenha.

Os moradores neorrurais e os turistas geralmente expressam uma ideia idílica de rural, tido como fonte de tranquilidade e qualidade de vida, onde o homem vive em harmonia com a natureza, demandando, portanto, a preservação de suas especificidades (CRISTÓVÃO; PEREIRO, 2012). Como explica Carneiro (2008), a questão ambiental é um dos nortes que reorientam o olhar para o meio rural, estimulando novas formas de ocupação deste espaço e engendrando uma imagem do rural identificada com a ruptura entre a terra produtora e a terra como paisagem e reserva patrimonial.

Dessa maneira, ao menos em termos simbólicos, a figura do agricultor familiar ganha destaque, sendo ele o responsável por manter o ‘campo tradicional’, reconhecido na paisagem ‘natural’ associada às casas rústicas e aos campos plantados – tão valorizada pela população urbana. A ideia de paisagem, portanto, é integrada à de território, em um movimento de revalorização da cultura local. A produção de signos, tanto os novos quanto as apropriações dos saberes e práticas ‘tradicionais’, passa a configurar um processo recorrente no meio rural. Logo, sua revalorização se dá não mais por ser apreendido como espaço de produção de bens materiais, mas como rica fonte de bens simbólicos que passam a alimentar nova dinâmica socioeconômica (CARNEIRO, 2008).

Paradoxalmente, é em um momento em que as distâncias culturais e sociais entre ‘rural’ e ‘urbano’ estão mais diluídas, pela intensificação da mobilidade física e cultural dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, que observamos um retorno ao interesse pelo rural e a revalorização das características que o diferenciariam da urbanidade. Além disso, são justamente os indivíduos cujas histórias particulares mais se distanciam das localidades rurais (como os neorrurais e os turistas) os mais mobilizados em torno de um rural idealizado, reconhecido em práticas ou formas de vidas tidas como ‘típicas’ de determinada tradição local (CARNEIRO, 2008).

Para Carneiro (2008), estaríamos, portanto, presenciando uma crise do mito da dualidade entre campo e cidade, já que essas realidades estão cada vez mais imbricadas,

⁹ Circuito turístico criado pelos próprios moradores para consolidar a oferta turística do vilarejo.

ao mesmo tempo em que um novo mito estaria sendo produzido: o mito da ruralidade idílica, fruto de um olhar urbano sobre o rural.

Embora exista uma matriz desigual nas relações locais, com essas considerações não queremos dizer que os neorrurais e os turistas estariam simplesmente impondo novas lógicas de vida às famílias de Três Picos. Ao contrário, embora exista uma matriz desigual de relações de poder entre esses atores sociais, as imagens e demandas que portam os “de fora” são (ou não) localmente apropriadas, de acordo com os interesses e os significados formulados pelos “de dentro”. Levando em conta que a pluriatividade já compunha a dinâmica local, frente ao enfraquecimento da agricultura como atividade econômica, novas práticas como o turismo e a produção agroecológica surgem como oportunas para algumas famílias, que delas se apropriam gerando novos processos sociais.

Conforme nos alertam Pereiro e Fernandes (2018), a ‘tradição inventada’ costuma ser apresentada como um atributo imóvel e imutável. Na realidade, porém, é constantemente reinventada para adaptarem-se as necessidades do presente. Os costumes seguem a mesma dinâmica. Contudo, eles são diferentes das tradições, por significarem a prática de hábitos e leis sem uma função simbólica ou ritual importante (embora possam adquiri-las eventualmente).

Em Três Picos, diversos ‘costumes’ e ‘tradições’ vem sendo ‘reinventados’ em função do turismo. Mesmo atividades cotidianas do trabalho ‘na roça’ ganham novos significados, ao serem transformadas em atrativos. Ainda que este processo se dê por motivações econômicas, na busca por novas fontes de renda, ele também é desencadeado por motivações simbólicas, referentes à demarcação do lugar e do valor da agricultura em um contexto de mudança social - evocado pelas pressões exercidas pelo parque e pelos próprios neorrurais.

Para além da questão econômica, estes processos engendram novas conformações identitárias, a partir das relações de alteridade que se estabelecem entre todos esses atores sociais. A clivagem entre “os de fora” e “os de dentro” é um dos frutos deste processo, por meio do qual as famílias locais se identificam como diferentes dos que chegam. Nesse contexto, está em jogo não só a forma pela qual são percebidos pelos “de fora”, mas a forma como percebem a si mesmos, as suas práticas culturais e o lugar onde vivem.

O turismo realizado no interior das unidades produtivas, os produtos agrícolas, a rotina de trabalho na lavoura e os próprios campos plantados são ressignificados como atrativos turísticos, o que faz com que sejam (re)valorizados não só pelas pessoas ‘de fora’, mas sobretudo entre as famílias locais. Tal como argumentam Ramiro e Romero (2013), nestas configurações, o turismo ajuda a contornar a desvalorização social e econômica sofrida pela categoria ‘agricultor familiar’, em função do modelo de desenvolvimento rural há anos privilegiado no Brasil, isto é, aquele voltado para o agronegócio.

É interessante perceber que, embora o rural seja menos agrícola e mais identificado como lugar de lazer e consumo, a agricultura e o agricultor ainda são figuras representativas deste universo - tanto para os neorrurais, quanto para os turistas. Concomitantemente, cresce cada vez mais uma dinâmica voltada para a proteção ambiental e para o uso turístico desta parcela do espaço (CARNEIRO, 2008).

Por meio das análises aqui levantadas, buscamos enfatizar que, neste trabalho, pensamos o ‘rural’ e o ‘urbano’ como abstrações que não apenas remetem a espaços físicos, relacionados a uma forma específica de ocupação do território, mas também a

modelos culturais, mobilizadores de modos de vida e referenciais identitários, que se influenciam mutuamente (WANDERLEY, 2000).

O cenário em Três Picos reflete bem essa dinâmica. Observamos que a organização de um circuito turístico entre neorrurais e agricultores foi decisiva para a inclusão de pessoas locais no turismo, enfocando também as práticas relacionadas à agricultura familiar. Suas iniciativas, efetivamente, contribuíram para a valorização dos modos de vida locais e para determinadas reconfigurações na dinâmica do vilarejo.

O Circuito Três Picos representou a criação de novas redes de sociabilidade e ajuda mútua entre os “de dentro” e os “de fora”, a partir do trabalho conjunto. Por outro lado, sua organização pôs em evidência as diferentes expectativas e significados dados ao turismo e ao ‘mundo rural’ entre seus integrantes. Como relatado por entrevistados, o principal ponto de divergência foi o fato de muitos montanhistas serem contra a uma ampla divulgação do “destino Três Picos”, já que, supostamente, percebem o aumento do fluxo de turistas como algo “negativo” para a região, do ponto de vista ambiental. Além disso, os abrigos de montanha já teriam um público certo, de pessoas “conhecidas”, que ano após ano os visitam para escalar, não dependendo, portanto, do circuito para manter uma demanda de visitantes satisfatória.

Outros empreendimentos, como os restaurantes, por exemplo, ao se tornarem conhecidos também passaram pelo mesmo processo, de não dependerem de divulgação coletiva para atraírem seus clientes. Assim, de modo gradual, o Circuito Três Picos, criado em 2010, perdeu sua sinergia, já que alguns queriam a mobilização de festas, eventos e materiais impressos para divulgar a localidade e outros não. Em 2014, portanto, ele foi oficialmente desfeito. Nesse mesmo ano, também houve a ruptura da sociedade entre a moradora neorrural e o jovem dono da pousada, devido a divergências pessoais em relação à gestão do negócio.

Conforme aponta Pereiro (2015), é interessante notar que não só a ‘comunidade’ organiza o turismo de base local, mas o próprio turismo, como campo de relação entre interesses ‘globais’ e ‘locais’, contribui para a (re) organização das ‘comunidades’. Em curto período de quatro anos, o turismo mobilizou e desmobilizou os moradores em Três Picos, em função de interesses individuais e coletivos, levando a emergência de diferentes processos sociais, dentre os quais destacamos a revalorização da categoria social ‘agricultor familiar’ entre os moradores locais.

4 O TURISMO EM TRÊS PICOS ANTES DA PANDEMIA

O turismo em Três Picos viveu um momento de grande crescimento até o início do ano 2020. Após esse momento, houve uma retração total a partir de março de 2020, com a chegada da pandemia de Covid-19 ao Brasil, e que agora tem experimentado um relativo retorno a partir da ampliação do processo de vacinação no país. A pesquisa que dá origem a este texto se encerrou em 2018, mas foi possível atualizar a situação local durante a pandemia devido às entrevistas com pessoas locais feitas por meio virtual e também pelo acompanhamento de suas redes sociais.

Com o aumento das atividades do parque, relacionadas à sua divulgação e a uma reorganização interna destinada a favorecer o uso público no Núcleo Três Picos, mais visitantes começaram a chegar, o que se traduziu, novamente, em uma mudança no perfil do turismo praticado no vilarejo. Houve um grande crescimento no número de frequentadores em práticas de ‘ecoturismo’, sendo os passeios pelas trilhas e o pernoite no *camping* da unidade as atividades mais procuradas.

Devido a esse movimento, os abrigos intensificaram o processo de ampliação dos serviços por eles oferecidos. Um dos refúgios criou um restaurante especializado em pratos confeccionados à base de produtos orgânicos, com opções vegetarianas, e cervejas artesanais fabricadas na localidade. Outros dois refúgios, que também comercializam cerveja artesanal, passaram a oferecer ‘rodízio de pizza no forno à lenha’ como opção de jantar para os hóspedes, também com ingredientes orgânicos e com alternativas vegetarianas.

Nessa direção, surgiram também empreendimentos para aluguel por temporada por iniciativa de moradores neorrurais recém-chegados. Por influência dos empreendedores do turismo, da atuação da administração do parque, do perfil dos visitantes e da presença dos neorrurais, o turismo em Três Picos tornou-se mais relacionado a um ideário de sustentabilidade ambiental, e ao mesmo tempo centralizado em iniciativas dos “de fora”. As pessoas locais passaram a buscar consolidar sua inserção nessa dinâmica, ressignificando suas práticas ‘tradicionais’.

Apesar dos esforços em relacionar a cultura local ‘tradicional’ com a lógica ‘ambientalista’, a maior parte das famílias agricultoras permaneceram, de certa forma, segregadas desse processo, já que a lógica ambientalista condena o cultivo com insumos agroquímicos – o que representa a realidade de quase todas as propriedades do vilarejo. Assim sendo, ainda que os discursos correntes associem o ‘turismo sustentável’ àquele comprometido com iniciativas capazes de integrar a população local nos ganhos gerados pela atividade, por meio do uso racional dos recursos naturais e culturais (ASSIS, 2003), em Três Picos, a progressiva afinidade do turismo com os paradigmas da ‘sustentabilidade’ se coloca como um elemento que o afasta das famílias agricultoras e o aproxima ainda mais dos moradores neorrurais, que também dispõem de maiores recursos financeiros para investirem em projetos voltados para atividade turística. Nesse sentido, embora o turismo na localidade se aproxime dos ideários do ‘turismo de base comunitária’, sendo ele realizado pelas pessoas que integram a ‘comunidade’, baseadas na autogestão dos recursos locais, por meio de relações de cooperativismo entre si (IRVING, 2009), seus benefícios socioeconômicos não estão ao alcance de todos.

Tal como aponta Sebele (2010) a presença de ‘elites’ no interior dos grupos ‘comunitários’ pode representar um empecilho para que a atividade turística seja indutora de desenvolvimento local, uma vez que estas tendem a monopolizar as iniciativas voltada para o turismo, devido às vantagens competitivas derivadas de sua posição nas relações de poder. Afinal, o turismo de base local não se constrói imune às relações de desigualdade e de conflito presentes nos grupos sociais que o praticam, podendo representar um fator que as minimiza, ou as reproduz.

Segundo Wedig (2009), em diferentes grupos sociais ligados à agricultura familiar, a terra é compreendida não apenas como objeto de trabalho, ou mercadoria de troca, mas como expressão de uma moralidade. Ao lado da família e do trabalho, ela representa um dos elementos nucleantes da vida no campo. Por ser herdada, contribui para a formação de laços de pertencimento construídos com o lugar em que se vive. Assim, é percebida como patrimônio da família, que merece ser preservado.

Em relatos coletados na pesquisa, observamos diferentes respostas ao movimento de aumento do preço da terra entre os agricultores da localidade em estudo: 1) a venda da terra para “gente de fora”, seguida pela compra de “terrenos melhores” em localidades vizinhas; 2) a procura por terras em outras localidades para expandir a produção agrícola, já que essa prática hoje é inviável em Três Picos; 3) a resistência frente à especulação imobiliária para manter o patrimônio da família, o que pressupõe

um menor espaço para a lavoura e o trabalho pluriativo para complementar a renda familiar.

De modo geral, percebemos que a última resposta tem sido a mais adotada, já que a maioria dos entrevistados não demonstrou interesse em sair de Três Picos. Nessa direção, analisamos que o trabalho com o turismo, dentre as poucas pessoas “de dentro” que com ele se relacionam, tem sido praticado como uma forma de demarcarem seu espaço em um contexto de disputas pelo território em que vivem.

Tal como apontam Ruiz-Ballesteros e Hernández-Ramírez (2010), em muitos casos, o turismo praticado por grupos ‘tradicionais’, faz parte de estratégias mais amplas que englobam a prática política e a busca por desenvolvimento local, representando um veículo para que alcancem a autogestão de seus recursos e territórios – de onde, tradicionalmente, tiram seu sustento. Trabalhar com o turismo pode significar uma maneira de proteger o espaço em que vivem e trabalham de ameaças externas (como a especulação imobiliária, expropriações para empreendimentos capitalistas e unidades de conservação). Isto é, um subterfúgio para valorizar o modo de vida local como algo a ser respeitado e ‘protegido’.

Para os autores, é importante compreender que os grupos sociais respondem aos estímulos externos de acordo com suas próprias dinâmicas, e que suas demandas do presente exercem influência no que percebem como ameaça ou oportunidade.

No caso das famílias de Três Picos, em um primeiro momento, o trabalho com o turismo mostrou-se impulsionado por interesses exclusivamente econômicos, isto é, pela necessidade de complementar a renda obtida com a agricultura. No entanto, com o passar do tempo, a atividade também passou a ser percebida como um modo de legitimar os usos feitos pelos agricultores ao seu território, devido ao poder de tradução cultural que oferecem as trocas interculturais promovidas pelo turismo.

De acordo com relato de um entrevistado jovem, filho de agricultores, “o turismo é importante para as pessoas conhecerem a realidade do campo, da agricultura familiar, e para saberem da importância que nós temos, as dificuldades que enfrentamos, das riquezas das nossas tradições”. Essa afirmação demonstra que também aspiram participar do turismo não somente por seu retorno financeiro, mas também pelo senso de empoderamento que caracteriza a autorepresentação e agenciamento de si mesmos (RUIZ-BALLESTEROS; HERNÁNDEZ-RAMÍREZ, 2010).

Apesar da percepção do potencial simbólico e econômico do turismo entre os moradores de Três Picos, poucos são aqueles que encontraram os meios necessários para se inserir na atividade. Observamos que os mais jovens são os que mais ‘se aventuram’ nessa direção, protagonizando, portanto, o processo de aproximação entre agricultura e turismo, uma vez que foram os principais responsáveis pela inserção de seus pais, tios, avós em práticas ligadas a atividade turística.

O complemento à renda obtida com a agricultura seria uma das demandas, que se conecta, no entanto, com outras mais amplas, como garantir a reprodução social da agricultura familiar – não apenas como atividade econômica, mas como categoria formadora de identidades, modos de vida e visões de mundo – e também o direito a “terra”, como lugar de vida e de trabalho, valorizada pelos laços de pertencimento por ela produzidos.

No caso de Três Picos, em um primeiro momento, associamos o processo de conexão com o turismo ao trabalho desenvolvido pela escola rural presente no vilarejo, o Instituto Bélgica – Nova Friburgo (IBELGA). De fato, a escola tem sido essencial para que a população de seu entorno perceba os modos de vida ligados à agricultura como ‘recursos’ importantes, mobilizáveis de diferentes maneiras, inclusive para o

turismo. Todos os jovens que, de alguma maneira, se envolvem com a atividade turística nos Três Picos são egressos do IBELGA. No entanto, isso não significa que a escola seja a única responsável por esse fenômeno. Conforme já dito, a localidade passou a viver uma situação diferente de outras do distrito. Em primeiro lugar, em razão da sua proximidade com o Parque Estadual dos Três Picos. Mas também devido ao crescimento do número de moradores neorrurais e do aumento no fluxo de turistas. Estes fatores, somados à atuação da escola rural, têm levado à emergência de novas dinâmicas de vida neste território – que, sobretudo nos últimos 20 anos, tem sido confrontado por demandas ligadas ao paradigma da ‘sustentabilidade’, veiculadas tanto pela agricultura, quanto pelo turismo.

Ainda assim, apenas o ‘contexto’ territorial não parece suficiente para explicar o porquê dos jovens serem aqueles que mais se envolvem com o turismo em Três Picos. Seus pais e avós vivenciam a mesma realidade, participando, inclusive, de diversas atividades no IBELGA. Conforme argumenta Chauveau (2017), há um postulado teórico que concebe os jovens como agentes da transformação social, produtores de novos valores e normas sociais. Além disso, é no momento de transição e latência em que se encontram ‘jovens’ que os indivíduos tomam consciência de seu pertencimento a um meio, a um lugar – e das escolhas e oportunidades ligadas a ele.

Dessa forma, a percepção que um indivíduo e, mais amplamente, que um grupo poderá ter de sua ‘ruralidade’, se forja, também, durante a socialização juvenil – o que revela a importância dessa etapa para a organização socioeconômica dos vários territórios e da formação de identidades a eles relacionadas (CHAUVEAU, 2017).

5 O PAPEL DOS JOVENS RURAIS NO TURISMO: AS REPRESENTAÇÕES DADAS À ATIVIDADE

Neste trabalho, tal como em Castro (2007), tratamos da juventude como uma categoria social, na medida em que atores sociais são identificados e se identificam como ‘jovens’, adotando essa identidade como articuladora de ação, de transformação ou de luta pela conservação de valores.

Em concordância com Wanderley (2007), assumimos que esta corresponde a uma fase caracterizada pela transição entre a infância e assunção dos ‘papéis adultos’. Por ser uma etapa culturalmente determinada, a sua demarcação é sempre imprecisa, sendo referida a alguns marcos, como o fim dos estudos, o início da vida profissional, a saída da casa dos pais, a constituição de uma nova família, ou ainda, simplesmente a uma faixa etária. Localmente, também observamos que a transição da juventude para a vida adulta se caracteriza por um processo gradual, muito mais demarcado pela assunção de “responsabilidades”, tais como “casar” ou “juntar”, mas também como “finalizar os estudos” (ensino médio), “ter o próprio dinheiro” e “ter filhos”, do que por uma faixa etária específica. Assim sendo, para o recorte dessa pesquisa, consideramos como ‘jovens’ os que nos foram indicados e os que se identificaram como tal, critério que nos levou a pessoas com idade entre 16 e 30 anos.

Brumer (2007) enfatiza que esses limites não são a questão mais importante, já que variam em diferentes sociedades e classes sociais. Por outro lado, tal como aponta Abramo (2007), algumas constantes aparecem como características da condição juvenil. Frequentemente, a noção de juventude se coloca como o momento em que se define ‘o projeto de vida’, buscando construir uma forma de lidar com a vida adulta. Esse processo parece comum aos jovens em distintas situações. Aqui, no entanto, cabe

indagarmos quais seriam os diferentes recursos existentes para a definição desses projetos e quais condições acabam por modelar aquele que é ‘escolhido’.

Esses marcos da vida juvenil constituem para a autora a base que nos autoriza a falar em ‘jovens’ de um modo generalizado, e são o pano de fundo sobre o qual se desenham as diferenças e as desigualdades existentes entre os que integram essa categoria social. Abramo (2007) argumenta que, para o jovem de origem rural, o momento de estruturação do ‘projeto de vida’ guarda tensões que são menos habituais para o jovem do meio urbano. Quando o jovem do campo se pergunta o que ‘quer ser’ e ‘fazer’, ele também se pergunta ‘onde’ ser e fazer tal coisa – no ‘campo’ ou na ‘cidade’? Afinal, conforme aponta Wanderley (2007), a dúvida entre ‘ficar’ e ‘sair’ tem sido uma questão estruturante para a juventude rural.

As transformações ocorridas no campo e na agricultura, nos últimos 40 e 50 anos, têm feito com que as novas gerações rurais vivenciem uma experiência singular, diferente das gerações anteriores. Os problemas e desafios presentes, sobretudo no mundo do trabalho, compõem um leque de questões que outras gerações não enfrentaram (ABRAMO, 2007). Em diferentes contextos, tal como os estudados por Wanderley (2007) e Brumer (2007), a produção familiar vem se apresentando como frágil alternativa de trabalho para os jovens. Porém, também são escassas as oportunidades de emprego fora dela, o que torna ainda mais complexa a transição para a fase adulta.

Outra tensão refere-se justamente à relação com a família, que no rural agrícola guarda uma singularidade. A família é também a unidade produtora. Então, as relações de conflito e de solidariedade que existem entre os jovens são acrescidas das apreensões relativas à produção e à sua continuidade. Ao formular seu projeto de vida, o jovem deve levar em conta o seu papel nessa unidade, pesando sua vontade de autonomia ao sentimento de compromisso e solidariedade com as demandas familiares (WANDERLEY, 2007; ABRAMO, 2007).

Para Gaviria e Menasche (2006), os jovens são os que vivenciam com maior intensidade as ambiguidades presentes no rural contemporâneo. Assim sendo, Carneiro (2007) convida a pensar a juventude em relação às novas mentalidades presentes no cenário rural, em decorrência da crescente mobilidade material e simbólica entre campo e cidade.

Segundo a autora, esse contexto têm provocado mudanças nos projetos juvenis e na maneira como os jovens rurais percebem os outros e a si próprios. A intensa comunicação entre esses universos nos colocam, portanto, o desafio de entender os valores e anseios que atualmente permeiam as novas gerações, levando em conta não apenas a atração que a cidade e seus bens materiais e imateriais exercem sob elas, mas também o processo inverso, da revalorização do meio rural por segmentos da população urbana.

Em síntese, os jovens rurais são, antes de tudo, jovens, cuja experiência de vida se baliza entre o passado das tradições locais, familiares e as demandas do presente, que inspiram as formas de vida cotidianas, e também aquelas vislumbradas para o futuro – por meio dos projetos referentes à fase adulta. Assim, tal como assinala Wanderley (2007), se não nos cabe isolá-los, também não podemos diluí-los numa pretensa homogeneidade, o que ignoraria as formas particulares de viver a juventude nas diferentes áreas rurais do país. Mesmo nestas, obviamente, há condições juvenis diferenciadas.

De acordo com Brumer (2007), os estudos sobre a juventude rural no Brasil vêm abordando, de um modo geral, a tendência de migração dos jovens para a cidade e seu

‘desinteresse’ pela atividade agrícola familiar. Entre os motivos apontados estão, de um lado os atrativos da vida urbana, principalmente no que tange às opções de estudo e trabalho remunerado; e por outro, as dificuldades relacionadas à agricultura, em grande parte associadas à introdução de relações capitalistas nas áreas rurais, situação que colocaria em risco a reprodução social das comunidades de pequenos produtores (GAVIRIA; MENASCHE, 2006).

Castro (2007) argumenta, porém, que a constante associação da juventude rural a esses temas contribuiu para a sua invisibilidade como categoria formadora de identidades sociais e, portanto, de novas demandas frente à sociedade. Embora se possa alegar a existência, entre as novas gerações, de uma visão relativamente negativa da atividade agrícola, isso não reflete necessariamente uma rejeição à vida no meio rural. Há, todavia, muitos jovens no campo (BRUMER, 2007).

Tal como mencionado anteriormente, em Três Picos, observamos que, embora a agricultura permaneça como a principal atividade praticada pelas famílias locais, os mais jovens a percebem como “incerta”, no que se refere ao seu retorno financeiro. Os rendimentos oscilam de acordo com muitas variáveis, como o preço dado à produção pelos atravessadores, as intempéries, a volatilidade do mercado e mesmo a ‘qualidade’ do que foi colhido – isto é, se os produtos saem no padrão de aparência e de tamanho exigidos pelo consumidor. Isso, no entanto, não tem levado a processos migratórios, e sim à procura de outras formas de trabalho para complementar a renda familiar – principalmente no comércio regional, mas também no turismo, que começa a ser considerado como opção viável. Mesmo frente às dificuldades relacionadas à atividade agrícola, a questão ‘ficar ou sair’ não ocupa lugar central entre os jovens de Três Picos. Grande parte dos entrevistados afirmou querer permanecer morando no vilarejo e realizar seus projetos de vida na própria “região”.

Brumer (2007) aponta que a sucessão geracional é um importante elemento para os jovens da agricultura familiar, pois interfere na sua constituição como indivíduos e na reprodução social das unidades produtivas ao longo do tempo. Trata-se de um fator relevante para o tecido social e para a estrutura do setor agrícola, embora nem sempre isto seja evidenciado.

Uma das funções da família seria, segundo a autora, a de ‘produtora de terra’. Por constituir-se, simultaneamente, como espaço de produção e de consumo, um dos seus objetivos seria o de garantir a reprodução social da própria unidade familiar. Daí a sua necessidade, de pensar estratégias de reprodução geracional, para além das estratégias de reprodução mais imediatas.

No caso em análise, diversas ações também são empregadas, originando um contexto que viabiliza a permanência dos jovens que desejam continuar vivendo em seu território, e de acordo com os modos de vida a ele associado. De fato, foi relatado que variar a produção é uma estratégia para alcançar diferentes possibilidades no mercado, para garantir a segurança alimentar da família, assim como uma forma de tentar melhorar a fertilidade do solo para melhorar a produção¹⁰.

¹⁰ A área cultivável das famílias em Três Picos é pequena, tendo em média um hectare de extensão. Isso posto, há a necessidade do cultivo ininterrupto e com o uso de agroquímicos para manter a produção em escala, já que a terra se encontra desgastada. A prática de pousio foi proibida pelo parque, já que utiliza o corte e a queimada da ‘capoeira’ – não raro, entendida por ambientalistas como, ‘mata em regeneração’ (CARNEIRO; PALM, 2016). Assim sendo, alternar entre variedades cultivadas é uma das estratégias viáveis para revigorar o solo. Uma roça de coentro é subseguida por outra de aveia ou milho para o autoconsumo, o que ajuda a adubar a terra para uma próxima rodada de produção comercial.

O trabalho fora da agricultura complementa este quadro, já que alguns jovens continuam habitando com a família, porém sem participarem da partilha de terras para o cultivo, por não trabalharem na lavoura, mas como “empregados” de moradores neorruais e no comércio, em lojas de produtos agropecuários.

No que se refere às práticas pluriativas, trata-se de uma estratégia empregada, não só pelos jovens, mas também por seus pais – que complementam a renda da agricultura, principalmente, oferecendo sua força de trabalho na construção civil e como empregados na casa de moradores neorruais.

A pluriatividade não configura, portanto, uma novidade, sendo exercida no vilarejo desde o início dos 1990 – período em que os primeiros neorruais chegaram à região. O trabalho com o turismo, porém, é uma inovação nesse sentido. Dentre outras formas de pluriatividade, o turismo tem como peculiaridade o fato de ser desenvolvido no interior das unidades produtivas, baseado nos modos de vida ligados à agricultura familiar. Nele, as práticas de trabalho com a terra e as tradições dos agricultores locais compõem os atrativos apresentados aos turistas. Assim, paradoxalmente, mesmo representado uma alternativa à agricultura, o turismo pode favorecer o fortalecimento dos laços dos mais jovens com essa atividade – que é econômica, mas, sobretudo simbólica, articuladora de diversas representações ligadas ao rural.

Sobre a agricultura familiar, Gaviria e Menasche (2006) destacam que, embora venhamos presenciando uma diminuição de seu valor econômico, ela continua tendo importante presença social e ideológica na elaboração das identidades, exercendo um papel fundamental para os grupos sociais que vivem nos territórios rurais.

Nesse contexto de ambiguidades sobre o rural e o agrícola, retomamos Wanderley (2007) e sua alegação de que o estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma lógica relacionada à casa, à família, à vizinhança e ao grupo sociocultural local; de outro uma racionalidade voltada para a cidade e o mundo urbano-industrial. Para a autora, estas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetado que pode ser portador, ao mesmo tempo, de um ideal de ruptura e de continuidade do *ethos* do mundo rural.

Assim sendo, as relações dos jovens com atividade agrícola, com a família e os seus projetos de vida são perpassadas por uma ambivalência. Seus próprios pais compartilham desse sentimento. Se em outros contextos a relação com a agricultura e com os modos de vida locais perde força devido à importância de outras atividades, em Três Picos, assim como nas áreas estudadas por Wanderley (2007), não parece ser essa a questão. Segundo a autora, há uma forte vinculação entre os jovens e seus familiares, que se estende para além dela, inscrevendo-se como um comprometimento com a comunidade de interesses que forma a família no campo.

Mesmo que a atividade agrícola venha se apresentando como menos atrativa para as novas gerações, no que tange ao desejo de continuar a tradição familiar, Wanderley (2007) identifica que o encaminhamento para outras profissões encontra, igualmente, limites no restrito dinamismo socioeconômico dos municípios onde geralmente vivem estes jovens.

Para Wanderley (2007), a escolha de viver no rural não se restringe a razões profissionais, mas se fundamenta, igualmente, em uma avaliação positiva sobre o próprio modo de vida e sobre os atributos da vida no campo - especialmente no que se refere aos vínculos pessoais com o ‘lugar’, no sentido de pertencimento, à qualidade da vida local e às relações sociais.

Além disso, de acordo com a autora, destacam-se as justificativas que consideram que a produção agrícola favorece o ‘sustento’ da família, ao contrário da

cidade, que exige o acesso a recursos monetários para a sobrevivência. Assim, apesar das dificuldades, a vida no campo é positivamente valorizada por uma grande parcela dos jovens.

Os aspectos positivos, portanto, dizem respeito às raízes pessoais, aos laços familiares e de amizade, à proximidade da natureza e à qualidade da vida no campo. Já os aspectos negativos apontam para as carências da vida local e para a falta de alternativas que garantam, no ‘lugar’, oportunidade de emprego e renda, na agricultura ou fora dela (WANDERLEY, 2007). Durante o trabalho de campo, observamos que, como lugar de vida, a localidade dos Três Picos é positivamente avaliada pela maioria dos jovens, devido à sua “tranquilidade” e relativa proximidade ao centro de Nova Friburgo¹¹. Por outro lado, como lugar de trabalho, ela vem sendo negativamente percebida por alguns, que projetam na agricultura um cenário de “incerteza”, quanto a sua capacidade de garantir a reprodução familiar e o acesso a determinados bens de consumo. Ainda assim, muitos jovens, sobretudo os homens, seguem trabalhando na agricultura. Além disso, não raros são os discursos sobre “a importância da profissão de agricultor” – proferidos não só pelos locais, mas legitimados pelos professores do IBELGA, pelos neorrurais e por alguns visitantes.

Por meio das relações de reciprocidade e ajuda mútua entre as famílias dos Três Picos, mesmo as gerações anteriores foram sendo incluídas nessa forma de pluriatividade, por intermédio dos mais jovens – em um movimento de introdução da atividade turística no campo de possibilidades de trabalho de demais pessoas locais. A organização do Circuito Três Picos representou o ponto alto dessa movimentação, reforçando o imaginário do turismo como atividade econômica viável para os agricultores no interior de suas propriedades.

Nesse contexto, observamos que o trabalho com o turismo proporciona certa descentralização da gestão da propriedade, geralmente centrada na figura do pai, o chefe da família (STOPASOLAS, 2011). Por meio da atividade turística, os jovens conseguem maior autonomia, desenvolvendo projetos sob o qual a família tem menor domínio do que eles – em um cenário inverso ao da agricultura, na qual ‘ajudam’ e são ‘aprendizes’ do saber que gerações anteriores constituíram e consolidaram.

Segundo o autor, o processo sucessório seria a transferência de poder e do patrimônio entre gerações, no âmbito da produção agrícola familiar. Isto é, a retirada paulatina das gerações mais idosas da gestão do estabelecimento e a formação profissional de um novo agricultor ou de uma nova agricultura. Assim sendo, além da reprodução entre gerações de um patrimônio material, particularmente da propriedade da terra, a continuidade do processo sucessório na agricultura familiar implica ainda a transmissão de um patrimônio histórico e sociocultural.

O turismo em Três Picos parece ser um dos fatores que favorecem a sucessão entre gerações atuais e anteriores, já que para constituírem seus projetos os jovens se apropriam de uma parte da propriedade familiar.

Conforme observa Ramiro e Romero (2013), a gastronomia é um dos pontos mais valorizados em roteiros de turismo rural. De fato, os principais atrativos construídos pelas famílias de Três Picos passam pela questão da comida. A introdução das jovens, e também das mulheres de outras gerações, no trabalho com turismo, se dá pelo ato de cozinhar. Assim, o saber-fazer alimentos faz das mulheres protagonistas no turismo rural, valorizando o trabalho por elas realizado, tanto entre os ‘de dentro’ quanto para os ‘de fora’. A atividade turística não se caracteriza como exclusivamente

¹¹ Três Picos está localizada a 40 km da cidade de Nova Friburgo.

feminina. No entanto, ela possibilita uma inversão na conotação simbólica da divisão sexual do trabalho no campo (RAMIRO; ROMERO, 2013). Enquanto no trabalho agrícola é a mulher quem oferece uma ‘ajuda’ ao homem, não tendo seu trabalho reconhecido com a mesma intensidade do masculino, no turismo, é o homem quem ‘ajuda’ a mulher em algumas das tarefas, sobretudo naquelas relacionadas ao ato de cozinhar.

Embora a dimensão financeira apareça como motivação inicial para o trabalho com o turismo, outros significados lhe são atribuídos (RAMIRO; ROMERO, 2013). No turismo, “ser da roça” não é um atributo negativo. Pelo contrário, geralmente, tudo o que é ‘da roça’ é valorizado por quem chega. Tal circunstância convida a desmitificar a imagem do mercado como algo intrinsecamente ruim para os grupos ‘tradicionais’, como um fator que os desagrega, e a pensá-lo, ainda que prudentemente, como uma oportunidade. Tal como enfatizam Ruiz-Ballesteros e Hernández-Ramírez (2010), esses grupos não estão de forma alguma ‘fora do mercado’. Eles têm historicamente combinado suas relações de cooperação e reciprocidade com o sistema capitalista global, traduzindo-o, interpretando-o, adaptando-o, dentro do possível, às suas necessidades.

O turismo, todavia, proporciona uma forma particular de participação neste mercado. Em outras atividades econômicas (tal como a pesca, a agricultura, a pecuária, ou em trabalhos assalariados) os moradores locais, em geral, ocupam uma posição subalterna e dependente. No turismo de base local, paradoxalmente, podem exercer um controle mais amplo sobre suas atividades, no que se refere aos processos de produção, precificação e comercialização (RUIZ-BALLESTEROS; HERNÁNDEZ-RAMÍREZ, 2010).

Conforme assinala Carneiro (2012), a dedicação às atividades não agrícolas muitas vezes é sustentada pelo interesse em manter vivos os modos de vida ligados ao rural agrícola. Segundo a autora, os agricultores exercem a pluriatividade para garantir o sustento familiar, uma vez que a agricultura se torna insuficiente no cumprimento desta tarefa. Mas há aqueles que utilizam a pluriatividade para subsidiar e continuar suas práticas agropecuárias. Nessa abordagem, a pluriatividade reconfigura o espaço rural, mas a agricultura permanece forte base para relações sociais e há o esforço de conservá-la ativa.

Por isso, entendemos que, apesar de muitos jovens envolvidos com o turismo estarem fora do trabalho na lavoura, este não é um processo desencadeado especificamente por essa atividade. Há um contexto precedente de ambiguidades em relação à agricultura como fonte de renda, que faz com que os jovens locais almejem formas de trabalho fora dela, embora muitos sigam, na prática, em maior ou menor grau, envolvidos com a produção.

Nesse sentido, seria equivocado afirmar que o turismo se coloca como substituto à atividade agrícola entre os mais jovens – mesmo porque ele foi apropriado como forma de trabalho por um pequeno número de famílias locais¹². Ele surge mais como uma nova possibilidade, que é vislumbrada por alguns, mas não por todos, podendo ou não ser combinada com o trabalho na agricultura.

¹² Dentre cerca de 40 famílias estabelecidas no vilarejo, apenas 9 são aquelas, ligadas à agricultura, que têm um de seus membros exercendo alguma prática de trabalho voltada ao turismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras hipóteses que organizaram o processo de pesquisa aqui relatado estiveram voltadas à análise do turismo como um fator que contribui para permanência dos jovens no meio rural. De fato, podemos interpretá-lo dessa maneira, já que a atividade oferece mais uma possibilidade de trabalho no local, além de representar um dos elementos que reforçam o discurso de valorização simbólica do rural como lugar de tranquilidade, de contato com a natureza e de qualidade de vida. Sabemos que essas narrativas chegam até os nativos, fazendo com que ressignifiquem a forma pela qual percebem a si e ao lugar em que vivem – o que reflete na decisão de formularem seus projetos de vida dentro ou fora do meio rural.

Em Três Picos, de modo geral, identificamos entre os jovens a intenção de concretizarem tais projetos em seu lugar de origem – o que tem sido viabilizado pela combinação de diferentes fatores, dentre os quais podemos destacar: o acesso à terra (ainda que precário); o acesso à escolarização, por meio do IBELGA; a produção agrícola familiar, orientada para o mercado e para autoconsumo; e as atividades pluriativas, sendo o trabalho com o turismo uma novidade nessa direção.

As motivações para que isso aconteça também são variadas. Além da percepção do campo como lugar de ‘qualidade de vida’, perpassando ainda a avaliação positiva dos modos de vida locais e os vínculos pessoais com a família, com os amigos e com lugar, no sentido de pertencimento social. Deste modo, o turismo não parece ocupar a centralidade no cenário de permanência dos jovens em Três Picos. Na pesquisa foi possível perceber que a atividade importa mais como forma de trabalho complementar à agricultura, contribuindo, portanto, para a inserção profissional do jovem na dinâmica local.

O que pesa na relação dos jovens com o turismo é o fato de estarem em uma etapa de vida de definição do ‘projeto de vida’, enquanto que enfrentam um cenário de fragilidade da agricultura familiar como atividade econômica. Assim, dada a recente configuração territorial da localidade, envolvendo a presença dos neorruais, do PETP e dos visitantes, o turismo é vislumbrado como mais uma atividade pluriativa às quais recorrem as pessoas locais – tendo como peculiaridade a sua estreita relação com os modos de vida locais e a com a própria agricultura, vistos como atrativos pela atividade.

Dentre os jovens que se envolvem com o turismo percebemos uma ressignificação da percepção que têm sobre si e a ‘ruralidade’, o que também se estende a outras gerações.

Identificamos ainda que o turismo interfere nas relações de gênero e de sucessão de terras no meio rural. Sendo a comida um dos elementos mais valorizados nos destinos de turismo rural, as mulheres ganham um papel de destaque na atividade, já que a esfera alimentar é um domínio predominantemente visto como feminino. No que tange o acesso a terra, observamos casos de sucessão geracional realizada fora do contexto de constituição de família ou de falecimento do predecessor no direito a terra, sendo orientados à viabilização do projeto dos jovens na atividade turística. Isso reflete a condição particular dos jovens em Três Picos, que têm seus projetos valorizados pelos pais, devido ao fato de serem escolarizados pelo IBELGA.

Ainda assim, esse cenário caracteriza um pequeno grupo de pessoas, e não a totalidade dos jovens do vilarejo. Isso porque o turismo se configura como um elemento novo, no campo de possibilidades das famílias locais, que muitas pessoas desconhecem. De algum modo, ele também se distancia de algumas famílias agricultoras devido ao

cultivo com insumos agroquímicos ser uma realidade presente em grande parte das propriedades do vilarejo. Por isso, a ideia de que oferece uma forma de trabalho alternativa à agricultura não é um consenso entre as pessoas locais.

Consideramos que o trabalho com o turismo representa uma diversificação dos meios de vida das famílias dos Três Picos, como uma das estratégias por elas mobilizadas para garantir sua reprodução social. Sua importância está em favorecer a estabilidade e autonomia financeira das famílias locais em momentos de vulnerabilidade, o que se dá atualmente pelo enfraquecimento socioeconômico da agricultura familiar no Brasil.

O protagonismo dos jovens rurais entre os moradores que atuam no turismo em Três Picos destaca a importância dessa categoria social para a formulação de estratégias de diversificação dos meios de vida dos grupos que resistem na agricultura familiar. Além disso, faz-nos refletir sobre as implicações da redução das distâncias socioculturais entre ruralidades e urbanidades, gerando novos processos sociais e configurações identitárias, que no caso em análise, malgrado suas contradições, desencadearam a redescoberta e a reinvenção de vínculos de pertencimento que possibilitaram o acesso das famílias locais a uma nova atividade econômica: o turismo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Debate. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 67-71, 2007.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro. Mauad Editora, p. 35-51, 2007.

CARNEIRO, M. J.; ROCHA, B. N. Limites e possibilidade da construção de “territórios de desenvolvimento” na Região Serrana do Rio de Janeiro. **Política & Sociedade**, v. 8, n. 14, p. 251-276, 2009.

CARNEIRO, M. J.; PALM, J. . Modos de vida de agricultores familiares de montanha: um estudo de caso em São Pedro da Serra-Nova Friburgo-RJ. **ILUMINURAS**, v. 17, n. 41, 2016.

CARNEIRO, M. J. " Rural" como categoria de pensamento. **RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, v. 2, n. 1, 2008.

_____. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro. Mauad Editora, p. 53-66, 2007.

_____. **Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica**. IN: CARNEIRO, M. J. Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Editora Mauad, p.23-50, 2012.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista latinoamericana de ciencias Sociales, Niñez y juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

CHAUVEAU, Hélène. **Le colono funkeiro et la gaúcha baladeira: pratiques culturelles des jeunes de l'agriculture familiale et recomposition des territoires ruraux au Sud du Brésil.** 2017. 421 f. Tese (Doutorado) - Curso de Géographie, Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2017.

CRISTÓVÃO, Artur; PEREIRO, Xerardo. Introdução: Turismo rural em tempos de novas ruralidades. **Atas do VIII CIRTUDES**, p.1-8, 2012.

GAVIRIA, M. R.; MENASCHE, R. A juventude rural no desenvolvimento territorial: A análise da posição e papel dos jovens. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 13, n. 1, p.69-82, 2006.

IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/en/>. Acesso em 18 abril 2018.

_____. Produto Interno Bruto dos Municípios. 2015 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-friburgo/pesquisa/38/46996>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

INEA. Plano de manejo Parque Estadual dos Três Picos (PEPT). Resumo Executivo. Rio de Janeiro, 2013.

IRVING, M. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. In: SANSOLO, D. G.; BURSTYN, I.; BARTHOLO, R. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Brasília: Editora Letra e Imagem, p. 108-121, 2009.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In: MATTOS, C. L. G; CASTRO, Paula A. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: Eduepb (Editora da Universidade Estadual da Paraíba), 2011, p. 49-83.

MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M. A. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. **Revista Rio de Janeiro**, n. 18-19, p. 111-130, 2006.

MIBIELLI, B.L. Em Nossa Região: Saberes econômicos e relações pessoais entre "produtores convencionais" em Nova Friburgo-RJ. In: REDES DE ESTUDOS RURAIS. 2016. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2016

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método, criatividade.** Vozes, Petrópolis, 2009.

PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Filipa. Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis. **Colección PASOS**, n. 20, 2018.

PEREIRO, Xerardo. Turismo de base local en Galicia: Eco-agroturismo Arqueixal o la excepción cultural como modelo. **Revista Andaluza de Antropología**, 8, 45-67., 2015.

PMNF - PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO. A cidade. 2014 Disponível em: <http://novafriburgo.rj.gov.br/nova-friburgo/>. Acesso em: 06/04/2018.

RAMIRO, P. A.; ROMERO, D. G. O papel do turismo frente às novas ruralidades: o caso dos assentamentos rurais. **Sustentabilidade em Debate**. v. 3, Iss. 2, p. 93-115, 2013.

RUIZ-BALLESTEROS, E.; HERNÁNDEZ-RAMÍREZ, M. Tourism that Empowers? Commodification and Appropriation in Ecuador's Turismo Comunitario. **Critique Of Anthropology**, [s.l.], v. 30, n.2, p.201-229, 2010.

SEBELE, L. Community-based tourism ventures, benefits and challenges: Khama Rhino Sanctuary Trust, Central District, Botswana. **Tourism Management** (31), 2010. p.136 – 146.

STROPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.26-29, mar. 2011.

TEIXEIRA, V. L. **Novos contornos ocupacionais no meio rural fluminense: um estudo sobre a pluriatividade entre agricultores familiares**. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2009, Tese de doutorado.

WANDERLEY, M. de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o "rural" como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, s/v, n.15, p. 87-146, outubro/2000.

_____. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos fazer para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro. Maudad Editora, p. 21-33, 2007.

WEDIG, J.C. **Agricultoras e agricultores à mesa: um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

***Rural youth, family farming and tourism:
an ethnographic study***

Abstract

Given the recent development of tourism in Três Picos, Nova Friburgo (RJ), the leading role of young people stands out, among the local residents who take ownership of the tourist activity, seeking on it an alternative or a complementary form of work beyond agriculture. In this context, the aim of this study is to analyze the practices and social representations of rural youth in relation to tourism, to understand the meanings they attribute to this activity, as well as its implications for the dynamics of local life. Therefore, we base ourselves on an ethnographic approach, using instruments of direct observation and in-depth interviews. The research demonstrates that tourism is one of the income diversification strategies mobilized by younger generations to keep the rural

as a place of life and work. However, one strategy among many others. We also identified that tourism influences the perception that young people have of themselves, in terms of valuing their 'rurality'. It also interferes in some gender and generation relations of local families in the context under analysis. On the other hand, it is an activity still carried out by few, which indicates its novelty, as a field of possibilities under construction for local young people and other family farmers. This fact also reflects the complementary aspect of local-based tourism, which does not subsume local socioeconomic systems, but supports them in contexts of vulnerability.

Keywords: *Rural youth. Family farming. Community-based tourism. Three Peaks.*

Artigo submetido em 05/08/2021. Artigo aceito em 30/09/2021.